

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

238

INSCRIÇÕES 822-824



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2022

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Todos os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação | CEAACP

Toda a colaboração deve ser dirigida a:
fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



FRAGMENTO DE *DOLIVM* COM GRAFITO DA *VILLA* DO MONTE DA CEGONHA, SELMES, VIDIGUEIRA

(*Conventus Pacensis*)

No âmbito de trabalhos arqueológicos de acompanhamento do arranque de olival e transformação do Monte da Cegonha (freguesia de Selmes, concelho de Vidigueira, distrito de Beja), a decorrerem desde Março de 2022¹, foi georeferenciado e recolhido um fragmento de *dolium* com grafito.

Deveu-se a necessidade de acompanhamento dos trabalhos – arranque de olival, preparação do terreno, abertura de valas para condutas de rega, elaboração de caminhos, drenos e camalhões, com vista à replantação de olival – à elevada sensibilidade patrimonial da área e nível de afectação do que se pretendia levar a cabo, dada a proximidade com a *villa* romana do Monte da Cegonha.

A *villa* (CNS 3487), identificada nos primórdios da década de 80, por ocasião do projecto da *villa* romana de S. Cucufate, sita no mesmo concelho, foi alvo de sete campanhas anuais de escavação, de 1985 a 1991, sob orientação de Maria Conceição Lopes e Rafael Alfenim. Logo no final da 4ª campanha, foi possível afirmar-se, conforme consta do relatório do Instituto de Arqueologia de Coimbra:

«Confirmou-se que a ocupação local abrange um longo espaço cronológico-cultural, desde o século I ao século XII. As

¹ Os trabalhos de acompanhamento e prospecção foram dirigidos por André Donas Botto e contaram com a participação dos arqueólogos Marco Valente, Fábio Vivas e Andreia Rosa.

estruturas arquitectónicas, os materiais (cerâmicas, vidros, metais...) provam que Romanos, Visigodos e Muçulmanos escolheram o Monte da Cegonha para se fixar. Este facto, de grande importância histórica, faz do sítio uma das mais notáveis estações arqueológicas do Sul da Lusitânia»².

Observou-se, pois, como é natural, nas prospecções efectuadas, a presença de material de construção (*tegulae, imbrices, lateres*) e de cerâmica comum. Nesse conjunto se destacou o fragmento objecto do presente estudo.

Trata-se de um fragmento do bojo de um *dolium*. A pasta apresenta tons que variam entre o cinza-acastanhado na superfície externa e o cinzento na superfície interna. Cozedura de tons enegrecidos. O grafito foi executado após a cozedura: veja-se que a perna do P claramente corta uma das linhas horizontais que parecem ter decorado o *dolium*, enquanto também se observam, do lado esquerdo, duas linhas paralelas verticais que, noutro contexto, até poderiam ser consideradas para limitar um eventual campo epigráfico. Nota-se uma tendência ascendente do *ductus* do ‘escriba’, devida à posição que teve de adoptar para gravar.

Dimensões máximas: (16) x (7) x 3,1 cm.

APVL[I?]

De Apulo.

Altura dos caracteres: A = 2,5 cm; P = 2,5 cm; V = 2 cm.

² É o sítio 457 (p. 90) do *Catálogo de Sítios* elaborado por Maria Conceição LOPES, em anexo à obra *A Cidade Romana de Beja – Percursos e Debates acerca da “civitas” de Pax Iulia*, Coimbra, 2003. Podem ainda consultar-se sobre esta *villa*: LOPES (Maria da Conceição) e ALFENIM (Rafael), «A *villa* romana do Monte da Cegonha», *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana*. Encuentro Internacional de Arqueología del Sudoeste, Huelva, Universidad de Huelva, 1994, p. 485-502; *Idem*, «La villa romaine de Monte da Cegonha», *Les Dossiers de l’Archéologie*, 1994, p. 64-67; *Idem*, «A basílica paleocristã/visigótica do Monte da Cegonha (Vidigueira)», *IV Reunió d’Arqueologia Cristiana Hispànica*, Barcelona, Institut d’Estudis Catalans, 1995, p. 389-399.

A leitura não oferece dúvidas: as letras **A** e **V** apresentam um traço mais ténue, gravadas com estilete, enquanto a letra “**P**” parece ter sido mais marcadamente gravada. O **A** é muito aberto e tem o travessão, levemente ondulado, muito acima do habitual nível médio da altura; a ‘barriga’ do **P** é esguia e fechada; o **V** também muito aberto. Seríamos tentados a ver vestígios de letras junto à fractura do lado esquerdo, como que a denotar a existência duma 2ª linha; mas cremos serem despiciendos.

A hipótese de reconstituição que apresentamos afigura-se-nos verosímil, mormente devido à presença de um rasgo a seguir ao **V**, que pode ser o termo superior do **L**.

Apulus é antropónimo não registado, até ao momento, na Lusitânia nem na Hispânia³. Kajanto inclui-o entre os cognomes latinos de origem étnica⁴. Registe-se que, em Saintes, na Aquitânia, há o grafito APVLI em duas ânforas⁵, considerado pelos editores como ‘marca de propriedade’, hipótese que também para aqui advogamos: após a cozedura, gravou-se o nome de quem era o destinatário.

Não há elementos susceptíveis de abalizar a possibilidade de uma datação.

ANDRÉ DONAS BOTTO⁶

JOSÉ D’ENCARNAÇÃO⁷

MARCO VALENTE⁸

³ A forma *Apulia* supostamente documentada em Nisa (IRCP 644) foi corrigida, quando houve possibilidade de observar a epígrafe (cf. HEp 2, 1990, 834).

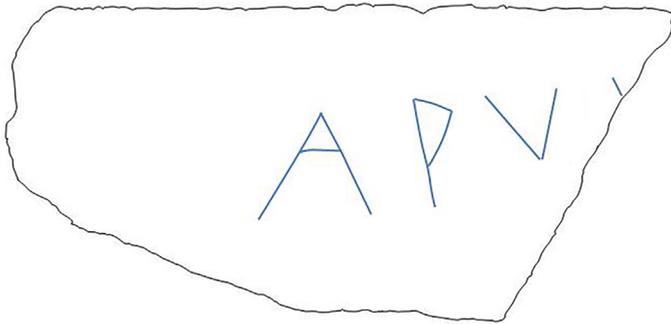
⁴ KAJANTO, Iiro, *The Latin Cognomina*, Helsinki, 1965, P. 192.

⁵ EDCS – 10401369 e 10401370. [EDCS = Epigraphik Daten-bank Claus / Slaby, acessível em <http://www.manfredclauss.de/gb/>].

⁶ Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património.

⁷ Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património.

⁸ Membro colaborador do Centro das Arqueologias do Instituto Politécnico de Tomar (CAQ-IPT).



822